

O BRASIL, A CHINA E MACAU: PONTE ENTRE MUNDOS E DIÁLOGO DAS CIVILIZAÇÕES.

Severino Cabral Filho¹

Resumo

O estudo das relações entre o Brasil, a China e Macau tem sido historicamente negligenciado pelos analistas brasileiros. Este artigo tenta proporcionar uma visão geral dos aspetos históricos, culturais e políticos, bem como uma perspectiva futura destas relações.

Palavras-Chaves: Brasil-China, Integração Cultural, Novas Perspectivas.

Abstract

The study of the relationship between Brazil, China and Macau has been historically left aside by Brazilian analysts. This paper hopes to make an overview of historical, cultural and political aspects, as well as to offer a perspective of what future might hold for this relationship.

Key words: Brazil-China, Cultural Integration, News Perspectives.

¹ Membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra. Diretor-Presidente do Instituto Brasileiro de Estudos China Ásia-Pacífico (IBECAP). E-mail: sbcabral@uol.com.br
Recebido para Publicação em 01/07/2006. Aprovado para publicação em 10/07/2006.

Estar em harmonia sem ser idênticos

Tang Yijie

Deve haver alguma coisa de semelhante entre o Brasil e a velha mas sempre moça civilização chinesa, com a qual os portugueses estabeleceram, em Macau, profunda aliança, baseada não na força, mas no amor fraternal, não no poder imperial de uns sobre os outros, mas na compreensão recíproca. Deve haver alguma coisa de semelhante entre a China por assim dizer eterna e o jovem e ainda verde Brasil.

Gilberto Freire

A China aparece cada vez mais como ator relevante do sistema internacional. Mantidas as condições atuais alcançará em menos de uma geração o patamar dos países industrializados do Ocidente. Este acontecimento deverá transformar a realidade internacional e a própria estrutura contemporânea do “País do Meio”.

Novas e antigas configurações desenham no horizonte uma ordem mundial cada vez mais complexa. O começo do século XXI e do Terceiro Milênio parece descortinar um mundo de polaridades difusas sob a égide dos Estados Unidos da América. Nesse contexto, o Brasil e a China aparecem como verdadeiras pan-regiões, auto-satisfeitas territorialmente, desafiadas a desenvolver-se, para atingir padrões mais altos de riqueza e poderio nacional. Como megaestados da cena internacional, encontram-se inseridos num processo de mudanças globais, no qual algumas tendências parecem ser ameaçadoras para os objetivos comuns de sustentação de projetos econômicos de desenvolvimento, geradoras de harmonia social, estabilidade e unidade política.

Os acontecimentos deste início de século e de milênio apontam para a necessidade de uma nova pauta mundial. O relacionamento sino-brasileiro deve,

pois, situar-se como um ponto decisivo para configurar uma nova ordem política internacional multipolar. Uma nova ordem que significa transformar a atual estrutura econômica e política internacional. Essa é uma das razões que solicita aos estadistas e diplomatas dos dois países um esforço concertado para criar instrumentos que levem à concretização dessa nova pauta mundial.

Para tanto, diferentemente da interpretação desenvolvida por Samuel Huntington, o novo mundo que se desenha pode ser construído em torno do diálogo entre civilizações, com a aceitação do princípio da harmonia do não idêntico. Tal concepção pode ser entendida como a possibilidade mesma de que os dois extremos do Ocidente e do Oriente, independente da grande distancia geográfica e cultural que os separa, venham a encontrar-se numa cooperação omnidirecionada.

Na era da comunicação eletrônica de massa, Brasil e China podem estabelecer um grau de complementaridade e de integração, de maneira que se pode antecipar que o século XXI talvez venha a integrar o Brasil e a América Latina, ao processo de construção da Ásia Pacífico, assegurando uma cooperação bilateral que se transformará num dos eixos da concerto internacional. O diálogo intercivilizacional e a cooperação fará com que a relação sino-brasileira se transforme num dos pilares da ordem mundial multipolar pós-hegemônica.²

Pensar a dimensão exata desse acontecimento, que se anuncia desde o ponto em que se desenvolve a humanidade de hoje, apoiada em transformações profundas da estrutura científica e técnica e afetada por uma grande mudança nas condições econômicas globais, é um desafio que mobiliza o conjunto dos homens em todos os horizontes. Talvez só comparável aos desafios enfrentados no século XVI, quando os europeus estabeleceram um intercambio entre todos os rincões do planeta, a partir da navegação oceânica em escala mundial.

² "O verdadeiro século da Ásia Pacífico, ou da Ásia, só existirá quando a China, a Índia e os demais países vizinhos tiverem se desenvolvido. De igual modo não haverá nenhum século da América Latina sem o desenvolvimento do Brasil". Estas palavras ditas pelo arquiteto geral da reforma e abertura chinesa, Deng Xiaoping, numa entrevista com o falecido primeiro ministro indiano Rajiv Ghandi, encerra uma grande lição para os que se perguntam sobre a natureza do sistema mundial que se forma nesses primeiros movimentos do novo século. Na verdade em sua grande sabedoria estratégica antecipa o principal fenômeno anunciado pelos acontecimentos do pós Guerra Fria: a emergência dos megaestados. E que hoje são universalmente conhecidos como potências emergentes.

A possibilidade de comunicação quase instantânea através da rede mundial de computadores e a aproximação, cada vez mais rápida por meio do transporte aéreo, entre todos os continentes, tornam toda e qualquer parte do globo importante e relevante para as decisões estratégicas que afetam o comércio e a cultura no mundo.

Neste sentido é compreensível que um relevo especial envolva a Região Especial Administrativa de Macau, pois, desde os seus primórdios em 1557 até a sua constituição em 1999, a comunidade luso-chinesa de Macau tem representado uma ponte entre o Ocidente e o Oriente. Na altura do desafio contemporâneo, esta ponte de amizade e cooperação sino-latina, edificada ao longo de meio milênio de existência, demanda um esforço coletivo – sobretudo da latinidade luso-ibérica e suas irradiações africana e americana – para que se crie e se mantenha como um sistema transcultural e intercivilizacional.

No entanto, para que se concretize este horizonte, dever-se-á superar muitos e importantes desafios. De início, parece ser necessário pensar que uma ponte entre mundos—o Ocidente latino e o Oriente sinico— oriente a construção de uma nova era baseada no diálogo entre as culturas e as civilizações.

Em certo sentido é possível pensar que todo o processo de “globalização”, em curso neste começo do século XXI, é uma continuidade da época inaugurada pelos navegadores portugueses. Época que se inicia com a transposição do Cabo da Boa Esperança e a chegada de Vasco da Gama à Índia em 1498, logo seguida da expedição comandada por Pedro Álvares Cabral, que tomou posse do Brasil para o Rei de Portugal, em 1500, antes de Jorge Álvares chegar a bordo de uma Caravela, ao estuário do Rio Perola, em 1513. Essas duas datas-- 1500 e 1513--- mostram pontos extremos da aventura portuguesa na aurora dos tempos modernos, e elas, desde o começo de sua história, unem o Brasil à China.

A fundação da cidade de São Paulo, hoje em dia a maior metrópole brasileira e a terceira do mundo, em 1554, foi seguida de Macau em 1557. A cidade de São Paulo foi edificada em

localidade definida pelos Jesuítas, ao erguerem o Colégio de São Paulo. De outro lado do mundo, em Macau, começou a ser erguida a Igreja de São Paulo, que se

tornaria um grande estabelecimento de ensino superior da Companhia de Jesus. Todos esses fatos se interligam a mostrar a forte comunhão de destino entre a América lusa e a presença de Portugal no Extremo Oriente.

No mundo da globalização e da aproximação de todos os países e continentes vemos que os impulsos que levaram os arrojados navegadores e missionários a Macau construíram uma presença de amizade cultural e civilizacional, que deve hoje servir de ponte entre brasileiros e chineses. É que, à medida que se avança no tempo, constata-se que os mesmos objetivos mobilizam as vontades de um extremo a outro do mundo, dirigidas a implantar uma nova ordem política e econômica internacional, justa e razoável.

Na visita ao Brasil e à América Latina, no ano de 2004, Hu Jintao referiu-se com propriedade a princípios diretores que devem orientar as relações futuras da China no desenvolvimento dos laços bilaterais com o subcontinente; tais como: o princípio da consulta em pé de igualdade, para servir ao fortalecimento da confiança política mútua; o benefício mútuo e a reciprocidade para expandir o intercâmbio econômico e comercial; a coordenação, mediante consultas, para reforçar a cooperação internacional; e a promoção de vínculos entre os povos para aumentar o conhecimento mútuo.

De posse dessas metas pode-se vislumbrar objetivos a serem alcançados no plano político, econômico e cultural e iniciativas, sobretudo no campo cultural, que visem ampliar o intercâmbio e o conhecimento mútuo, através da criação de centros de estudos acadêmicos e culturais, da troca de bolsistas e da realização de eventos culturais em ambos os continentes.

Em consonância com essas diretrizes, objetivos e iniciativas, penso que se deveria desde agora visualizar Macau como sendo um núcleo de formação e disseminação de língua e cultura chinesa para uso de falantes do português, nas variantes européia e brasileira. Igualmente, por seu lado, a comunidade lusófona em Macau pode se tornar um ponto de fixação do ensino da língua e cultura luso-brasileira na Ásia Oriental.

Neste começo de século e de milênio, esse liame multissecular brasileiro chinês avulta e faz pensar que, de algum modo, a passagem dos 500 anos de presença

lusa no Brasil, e os quase quinhentos anos de presença lusitana no sul da China, parece sinalizar para um real e possível diálogo dos dois maiores países do mundo em desenvolvimento. É que o cenário internacional que se apresenta, dominado pela tendência à globalização econômica e ao multipolarismo, torna uma ação coordenada dessas duas potências, emergentes e pacíficas, um fator de grande importância para a estabilidade e a segurança internacional.

BIBLIOGRAFIA

- AZEREDO DA SILVEIRA, AF. Discurso em Brasília, 15 de agosto de 1974. Brasil China, 20 anos de relações (1974-1994). Rio de Janeiro, Universidade Candido Mendes, 1994.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. The great chessboard: American primacy and its geostrategic imperatives. N.York, Basic Books, 1997.
- CABRAL, Severino. Conhecer a China hoje. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 137:5/8, abr.-jun., 1999.
- _____. Encontro entre Brasil e China. Brasília, Revista Brasileira de Política Internacional, ano 43,n 1, 2000.
- _____. Brasil megaestado. Rio de Janeiro, Contraponto/Faperj, 2004.
- CAMPOS, Haroldo (org.). Ideograma: lógica, poesia, linguagem. São Paulo,EDUSP, 1994.
- DENG, Xiaoping. Escritos escogidos-III. Beijing, Ediciones em Linguas Extranteras,1994.
- FENG, Youlan. Selected philosophical writings. Beijing, Foreign Languages Press, 1998.
- FIGUEIREDO, João. Discurso em Beijing. 17 de maio de 1984. Documento de arquivo do Itamaraty.
- FREYRE, Gilberto. Um brasileiro em terras portuguesas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

INTELLECTOR

Ano III	Volume I	Nº 5	Julho/Dezembro 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	----------	------	---------------------	----------------	----------------

www.revistaintellecto.cenegri.org

HU, Jintao. Discurso do Presidente da Republica Popular da China ante o Congresso Nacional do Brasil. Brasília, 12 de novembro de 2004.

KISSINGER, Henry. Diplomacia. Rio de Janeiro, Francisco Alves/Universidade, 2001.

TANG, Yijie. Être en harmonie sans être identiques. in Alliage –dialogue transculturel n°1, Paris, Hiver99-Printemps, 2000.

